

Vinculação Familiar: Intervenções psicoeducativas no ambiente domiciliar

Family Bonding: Psycho-Educational interventions in the home environment

MONTEIRO, P. L.¹

Universidade de Caxias do Sul – UCS
Danilo Antônio Bridi, 167, apartamento 402,
Bela Vista, Caxias do Sul – RS. CEP: 95072-140
plmontei@ucs.br / pamelalopes.psicologia@gmail.com

Resumo: Os atuais estilos de vida estimulam ininterruptamente mudanças rápidas e constantes, dificultando a assimilação, acomodação, elaboração e construção de sentidos aos eventos cotidianos, o que pode gerar a fragilização das relações. Considerando o exposto, o presente artigo centra-se na temática da vinculação familiar, com base na experiência prática da pesquisadora durante estágio curricular, com o objetivo de fortalecer os vínculos afetivos na perspectiva do apego seguro. Esta pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, é um estudo de caso realizado com uma família, composta por quatro membros na cidade de Caxias do Sul, através de intervenções no ambiente domiciliar, e seus resultados foram subdivididos em categorias com base na análise de conteúdo de Bardin. Os resultados apontam que intervenções fundamentadas na Teoria do Apego, ocorridas no domicílio da família, podem ser uma alternativa de intervenção para o estreitamento de laços afetivos. Pesquisas e novas intervenções fazem-se necessárias para legitimar os resultados obtidos, corroborando a efetividade de intervenções no ambiente domiciliar.

Palavras-chave: família; apego; vínculo.

Abstract: The current lifestyles continuously stimulate fast and constant changes, complicating the assimilation, accommodation, elaboration and construction of meanings in daily events, it may lead to weakening relationships. Taking that into account, the present paper focuses on family bonding, based on a practical experience from the researcher during curricular internship. Its objective was to strengthen affective bonds in the perspective of secure attachment. This exploratory study, in a qualitative nature, is a case study in a four-member family in Caxias do Sul, throughout interventions inside the home environment. The results were divided into categories based on Bardin content analysis. The results show that interventions based on the Theory of Attachment, inside the family's home, can be an alternative intervention for the strengthening of affective bonds. Research and new interventions are necessary to legitimize the results observed, confirming the effectiveness of interventions in the home environment.

Keyword: family; attachment; bond.

¹ Psicóloga, Mestra em Psicologia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Introdução

O imediatismo, o consumismo e o individualismo são alguns termos que conceituam a vida na atualidade, complexificando o estabelecimento e a continuidade dos relacionamentos. Como consequência, o ser humano percebe-se cada vez mais solitário.

As famílias não estão imunes a estes novos padrões. Elas também sofrem as interferências ambientais externas e além disso, buscam superar as diferenças geracionais existentes em um mesmo sistema familiar. Já os casais se mostram cada vez mais ocupados com suas profissões, terceirizando os cuidados com seus filhos. E estes, por sua vez, interagem com um maior número de pessoas, porém sozinhos e trancados em seu quarto na frente de uma tela. Deste modo, a comunicação e aproximação entre os membros de uma família tornam-se cada vez mais distantes.

O atual cenário tem sinalizado para a importância de se pensar estratégias que promovam vínculos afetivos mais fortes, iniciando principalmente no âmbito familiar como forma de promoção da saúde mental entre seus membros.

O presente artigo resulta do desejo e necessidade de auxiliar as famílias a vincularem-se de forma mais segura, com o objetivo de estreitar os laços afetivos, potencializando o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento para as adversidades e a vida de modo geral. Por este motivo, apresentar-se-á uma proposta de intervenção que foi desenvolvida durante o estágio curricular da pesquisadora, fundamentada na Teoria do Apego de John Bowlby, com o objetivo de verificar os possíveis efeitos que intervenções, na perspectiva da vinculação segura, podiam proporcionar a uma família, através de acompanhamentos frequentes no ambiente domiciliar. Primeiramente, faz-se necessário apresentar brevemente os principais fundamentos da teoria como: comportamento de apego, apego, características principais de apego, estilos de apego e modelos operativos internos.

Teoria do Apego

John Bowlby (1907-1990), psiquiatra e psicanalista britânico, após trabalhar cinco anos como psiquiatra do exército, recebeu o convite do chefe de Seção da Saúde Mental da Organização Mundial de Saúde para realizar um breve estudo sobre as necessidades das crianças sem lar, e após apresentá-lo através de um relatório, contendo aspectos de saúde mental (Bowlby, 1989).

Em 1951, seu relatório foi publicado sob o título Cuidados Maternos e Saúde Mental. Neste trabalho, Bowlby destacou a relevância dos cuidados maternos no desenvolvimento da personalidade da criança. Após a publicação, ele observou que nenhuma teoria da época contemplava a relação dos dados obtidos com os resultados apresentados (Bowlby, 1989).

No verão do mesmo ano (1951), Bowlby conheceu o famoso trabalho de Konrad Lorenz, conhecido como pai da Etologia moderna, sobre *imprinting* com filhotes de patos e gansos. Este estudo explica que “no começo, um gansinho seguirá qualquer objeto em movimento, [...] após alguns dias, ele somente seguirá a espécie de objetos a que está acostumado [...]; e faz isso independentemente de ter recebido alimento ou conforto do objeto” (Bowlby, 2006, p.57).

Bowlby (2002) então passa a divergir dos escritos psicanalíticos sobre a teoria do impulso secundário. Bowlby (2006) “sustenta que o desejo de estar com outros membros da espécie é um resultado de ser alimentado por eles” (p. 261). Propõe que a ligação entre o bebê e a mãe se dá através de forças instintivas mais complexas que puramente a necessidade básica de alimentação. E corrobora esta afirmativa com base nos experimentos do psicólogo Harry Frederick Harlow, com macacos *rhesus*.

Nesta pesquisa, os filhotes foram separados da mãe logo após o nascimento e colocados em uma gaiola, onde eram privados de alimento (Bowlby, 2002). Após, eram colocados dois cilindros na gaiola, um cilindro era revestido por uma tela de arame que continha uma mamadeira, e o outro cilindro era revestido por um pano aveludado e macio, mas que não dispunha de nenhum tipo de alimento. Depois de certo tempo, observou-se uma resposta bastante significativa dos filhotes. Os macacos passavam muito mais tempo com o cilindro aveludado (sem alimento) do que com o cilindro de arame (com alimento). Registrou-se que os filhotes passam em média 15 horas com o material aveludado, e apenas 1 hora (tempo utilizado apenas para a alimentação) com o material de arame (Abreu, 2005).

Em outro experimento, Harlow colocava o filhote numa sala de teste estranha a ele, ao qual dispunha de boa variedade de brinquedos. Observou-se que enquanto o cilindro de pano aveludado estava disponível na sala, o macaquinho explorava os brinquedos e regressava de tempos em tempos para perto do cilindro. Porém, quando o boneco de pano foi retirado, os filhotes corriam apavorados, jogavam-se no chão com rosto para baixo, apertavam a cabeça. Ao examinar o mesmo teste com o boneco de arame, constatou-se que sua presença era indiferente e que não tranquilizava o jovem macaco (Bowlby, 2002). Em ambas testagens se verificou que o comportamento dos filhotes era dirigido para o modelo de pano ao invés do modelo alimentador de arame.

A nova teoria do instinto de Bowlby provocou desconforto na Sociedade Psicanalítica Britânica (Bretherton, 1992), que já enfrentava um momento conflituoso entre as disputas de poder de Melanie Klein e Anna Freud pelas diferenças teóricas sobre o legado intelectual de Sigmund Freud, dividindo a Sociedade em duas escolas opostas (Coates, 2011; Fonagy & Campbell, 2016).

No entanto, tais estudos enfureceram ambas as escolas que se uniram contra Bowlby, acusando sua teoria de heresia intelectual (Fonagy & Campbell, 2016). Assim, ele deixou de apresentar suas ideias para a Sociedade Psicanalítica Britânica, mas seguiu como membro (Coates, 2011).

Apoiado em suas observações e estudos, bem como nos experimentos empíricos em animais, Bowlby desenvolveu o conceito de comportamento de apego, conhecido também como comportamento de vinculação ou de ligação, que é entendido como “qualquer forma de comportamento que resulta em que uma pessoa alcance ou mantenha proximidade com algum outro indivíduo diferenciado e preferido, o qual é usualmente considerado mais forte e (ou) mais sábio” (Bowlby, 2006, p.171). Estar ciente que uma figura preferida está disponível e que oferece apoio na busca de resposta, proporciona um forte sentimento de segurança e encoraja a pessoa a valorizar a relação (Bowlby, 1989).

Bowlby distinguiu apego de comportamento de apego. Para ele o apego é um sistema de controle homeostático, mecanismo biologicamente programado (como alimentação e sexualidade) que opera inserido num contexto com outros sistemas de controle comportamentais (Dalbem & Dell’Aglio, 2005). Logo, “sendo o apego um estado interno, sua existência pode ser observada através dos comportamentos de apego” (Ramires & Schneider, 2010, p.2).

Para elucidar o apego dentro dessa teoria, foram identificadas três características principais que o distinguem de outros laços relacionais (Abreu, 2005; Weiss, 2004):

1. *Busca da proximidade*: a criança procurará manter-se dentro da rede de proteção, que poderá ser reduzida em situações ameaçadoras ou estranhas.
2. *Efeito de base segura*: a presença de uma figura de apego proporciona segurança e proteção para a criança, tornando-a mais confiante na sua exploração do mundo.
3. *Protesto de separação*: a ameaça em acessar uma figura de vinculação configura-se em protesto, como também, intensifica as tentativas de evitar a separação.

O modelo proposto por Bowlby descreve o apego como aspecto fundamental para a sobrevivência, uma proteção relacional diante de ameaças, estresse, doença e exaustão. A dinâmica de apego motiva o solicitante a buscar socorro e proteção a uma figura considerada mais apta, através da proximidade física, em busca de segurança. A regulação emocional do solicitante também dependerá da disponibilidade emocional da dinâmica de prestação de cuidados (Holmes, 2015).

O comportamento de apego pode ser observado durante todo o ciclo vital. Nos adultos, mais nitidamente em momentos de estresse, doença e emergência, através da proximidade com a figura de apego, como forma de buscar segurança e amparo, características básicas para a sobrevivência.

A psicóloga Mary Salter Ainsworth também apresentou importante contribuição para a construção da Teoria do Apego. Ela desenvolveu um método, denominado procedimento da situação estranha, que visava avaliar diferenças individuais em bebês (de doze meses) em relação à organização do comportamento de apego pela mãe. O procedimento consistia numa série de episódios de três minutos cada, com duração total de aproximadamente 20 minutos. A sala de observação era pequena, confortável e continha um número expressivo de brinquedos. Nela a criança era observada com a mãe. Após uma pessoa estranha entrava na sala. Em seguida, a mãe se retirava, e a criança era observada somente com o estranho e, por fim, a mãe retornava (Abreu, 2005; Bowlby, 2002). As crianças, ao término do procedimento, eram classificadas conforme os padrões de comportamento de apego por suas mães. Ainsworth classificou-as em seguramente apegado e inseguramente apegado (Bowlby, 2002).

Os bebês seguramente apegados foram aqueles que conseguiam explorar o ambiente, mesmo na presença de desconhecidos, mas que se utilizavam da mãe como base de apoio e que se mostravam entusiasmados no retorno da mãe. Já os bebês inseguramente apegados, foram aqueles que não realizaram explorações no ambiente, mostrando-se desconfortáveis com a presença de estranhos, desnorteados na ausência da mãe e desinteressados no retorno destas, de volta à sala (Abreu, 2005).

Por meio da análise do experimento, observou-se que “cada padrão de apego é associado a um padrão específico de cuidado parental” (Franco, 2010, p. 26). Ainsworth então considerou três padrões principais de apego, denominados A, B e C, para a compreensão dos estilos de vínculos (Bowlby, 2002), a saber:

Padrão A (ansiosamente apegados à mãe e esquivos): crianças que evitam a proximidade com a mãe e que muitas vezes, são mais amistosas com pessoas estranhas do que com a figura de apego.

Padrão B (seguramente apegados à mãe): crianças ativas nas brincadeiras, que buscam proximidade quando se sentem ameaçadas e que após confortadas, sentem segurança para explorar novamente o ambiente.

Padrão C (ansiosamente apegados à mãe e resistentes): crianças ambivalentes, ou seja, oscilam entre o desejo de proximidade e contato com a mãe, e resistência de interação com ela.

Em pesquisas posteriores, Mary Main (colega de Mary Ainsworth) acrescentou um terceiro padrão de apego inseguro:

Padrão D (desorganizado/desorientado): este grupo de crianças apresentaram atividade desorganizada e contraditória. Elas choravam quando separadas, mas evitavam a mãe quando ela retornava, se aproximavam dela e então ficavam congeladas ou se jogavam no chão. Algumas apresentaram comportamento estereotipado, balançando para frente e para trás, ou batendo-se repetidamente (Fonagy & Campbell, 2016; Parkes, 2009).

Destarte, se averiguou que os cuidados maternos e as formas de interação com as figuras de apego têm papel primordial no comportamento de vinculação, observado nas crianças. Bowlby (2002) afirma que “o modo como uma mãe trata seu bebê constitui um produto complexo que reflete como suas próprias tendências iniciais foram confirmadas, modificadas ou ampliadas por sua experiência pessoal com a criança” (p. 426).

Através das interações entre a figura de apego e a criança, constitui-se o que Bowlby denominou de modelo operativo interno², que se refere a um sistema representacional do eu e do outro que permite antecipar, interpretar e orientar as interações com outras pessoas, com base no registro das experiências anteriores (Bretherton & Munholland, 2008). Este molde serve como guia comportamental que prediz e interpreta reações alheias com base nas representações anteriormente introjetadas por meio das interações com cuidadores (Dalbem & Dell’Aglío, 2005).

No modelo operativo interno organizam-se representações do eu e do mundo. Nas concepções de mundo se desenvolve uma noção de como os outros reagirão a partir das experiências prévias com os pais. Já na concepção do eu, cria-se a convicção do quão aceitável ou inaceitável é o próprio eu aos olhos alheios (Bretherton & Munholland, 2008). Após alicerçado, Bowlby sustentou o argumento que as representações do eu e das figuras de apego tendem a persistir, passando a operar inconscientemente (Ramires & Schneider, 2010), servindo como base para os relacionamentos íntimos futuros (Dalbem & Dell’Aglío, 2005).

A teoria do apego também pode se estender no trabalho com famílias, com o objetivo de fortalecer os laços afetivos entre os membros, para que estes possam estabelecer relações mais saudáveis e seguras. Para tal, o profissional deve estar preparado para lidar com os distintos estilos de apego existentes no ambiente familiar.

² Encontra-se uma diversidade de termos como “modelo funcional do eu”, “modelo funcional interno”, “modelo de trabalho interno”, “modelo operante interno”, “modelo representacional interno”, “representações mentais”, “scripts”, “estilo de apego”, “padrão de apego”, “comportamento de apego”, “sistemas comportamentais” e, mais recentemente, “estados mentais”, “apego compartilhado” e “modelo funcional compartilhado” (Ramires & Schneider, 2010, p.1).

A habilidade diagnóstica reside na avaliação desses padrões de interação e das tendências presentes de cada membro da família que ajudam a perpetuá-los; a habilidade terapêutica reside em técnicas que permitem a ocorrência de mudanças mais ou menos simultânea em todos os membros de uma família, de modo que um novo padrão de interação possa surgir e estabilizar-se (Bowlby, 2002, p. 434).

Por fim, a teoria do apego propicia maior compreensão sobre a constituição dos vínculos afetivos, oportunizando planejar intervenções no qual o psicoterapeuta possa servir de base e porto seguro favorecendo que as relações se tornem cada vez mais seguras, e que as pessoas estejam mais confiantes. Para Abreu (2005) “a finalidade da terapia, nos mais variados contextos, é o de ajudar as pessoas a reduzir esse estado de desvinculação com o mundo e com seu entorno” (p. 210).

Método

Delineamento

Trata-se de um estudo exploratório de natureza qualitativa, por meio de estudo de caso que “é a pesquisa sobre um determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade para examinar aspectos variados de sua vida” (Rampazzo, 2005, p. 55).

É um tipo de estudo circunscrito a uma ou poucas unidades, podendo ser uma pessoa, família, grupos, entidades, organizações, comunidade, país. Tem o caráter principal de profundidade e detalhamento de fatos e também pode ser realizado em campo. O “caso” é, assim, um “sistema delimitado”, algo como instituição, um currículo, uma pessoa, cada qual tratado como uma entidade única, singular (Mertens, 2007, p. 54).

O estudo de caso é utilizado como estratégia de pesquisa, pois permite uma investigação dos acontecimentos da vida real. Na Psicologia, “os estudos de caso proporcionam novas ideias e hipóteses, oportunidades para desenvolver novas técnicas clínicas e uma chance para estudar fenômenos raros” (Shaughnessy et al., 2012, p. 290).

Participantes

A população (amostragem) escolhida para a realização deste estudo foi uma família residente na cidade de Caxias do Sul, constituída por quatro membros: José³, Maria⁴, Paulo⁵ e Mateus⁶. Esta família faz parte de um projeto assistencial mantido por uma instituição religiosa, que oportuniza que crianças de famílias de baixa renda possam frequentar escolas infantis privadas. O

³ Pai, 29 anos, metalúrgico, ensino médio completo.

⁴ Mãe, 31 anos, líder de limpeza, sétima série do ensino fundamental.

⁵ Filho mais velho, 3 anos e 6 meses.

⁶ Filho caçula, 1 ano e 5 meses.

projeto elegeu esta família porque Paulo corria o risco de ser expulso da escola infantil por causa do comportamento agressivo e agitado direcionado para a professora e colegas.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados do estudo de caso foram: diário de campo, registro dos relatos, observações, acompanhamentos realizados no contexto familiar, um questionário elaborado pela pesquisadora para investigar a representação que o casal possuía sobre sua família (sendo o mesmo aplicado no início e ao final do estudo), o teste psicológico Entrevista Familiar Estruturada – EFE (Féres-Carneiro, 2005) e o Termo de Consentimento Livre e esclarecido – TCLE.

Procedimento

Para a operacionalização desta pesquisa, o projeto de intervenção foi submetido a avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa, via plataforma Brasil, ao qual recebeu aprovação com solicitação de adequações.

Foram realizados acompanhamentos no ambiente domiciliar, com a frequência de duas visitas⁷ semanais, durante 11 meses (Fevereiro a Dezembro). Inicialmente, os primeiros atendimentos tiveram como intuito investigar a história de cada um dos membros.

Em seguida, os acompanhamentos prosseguiram com a mesma frequência semanal, porém com o objetivo de compreender a dinâmica familiar, através da observação das relações entre o casal, do pai com os filhos, da mãe com os filhos e também da relação entre os irmãos. Outra medida adotada, foram conversas com o casal e individualmente para questionar as percepções que ambos possuíam sobre seu sistema familiar, e das relações interpessoais entre os membros. Observações sobre o comportamento das crianças também foram realizadas durante toda a pesquisa para a análise nas mudanças de comportamento. Com uma compreensão abrangente das formas de interagir entre a família, foram pensadas intervenções psicoeducativas, na perspectiva do modelo operativo de vínculo seguro.

Primeiramente, o casal foi submetido a aplicação de um questionário individual que visava compreender a percepção de cada um sobre a família, bem como destes enquanto casal. Após foi aplicado o teste psicológico Entrevista Familiar Estruturada – EFE, para verificar a forma de interação adotada pela família. Posteriormente, foram realizadas intervenções com o casal, para a

⁷ O tempo de duração de cada visita foi de 3 horas.

retomada dos papéis de ambos enquanto casal e como pai e mãe. Foram apresentados tópicos essenciais da teoria e utilizados vídeos e músicas para internalização dos conceitos, através de experiências vivenciais. José e Maria foram incentivados a aprimorar a comunicação entre eles e estimulados à reflexão sobre as possíveis alternativas de mudança.

Com o fortalecimento emocional do casal pôde-se então trabalhar com as crianças. Os atendimentos seguintes objetivaram auxiliar o casal no manejo com os filhos através de uma educação segura, com amor e limites, onde ambos se mostraram disponíveis às necessidades das crianças, na tentativa de servir como base e porto seguro aos filhos. Ao final, novamente José e Maria responderam o questionário elaborado pela pesquisadora.

O respeito pela família e a ética foram aspectos zelados durante todo o estudo. Deste modo, foi desenvolvido um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para a garantia dos direitos da família e da segurança em relação à execução da pesquisa, o qual previa a utilização dos dados obtidos em produções científicas. Para preservar todas as identidades, os nomes apresentados neste estudo são fictícios.

Análise de Dados

As entrevistas, o teste Entrevista Familiar Estruturada-EFE e a descrição das intervenções foram submetidas à análise de dados, através do método de Análise de Conteúdo, proposto por Bardin.

De acordo com Bardin (2004), a análise de conteúdo se organiza em “torno de três pólos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” (p.89).

A pré-análise consiste na organização do material, onde são realizadas “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (Bardin, 2004, p.89).

Seguidamente, foi realizada análise do material, etapa denominada por Bardin de exploração do material. Por último, houve o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação, de maneira a serem significativos e válidos (Bardin, 2004).

Resultados e Discussão

Com base na análise dos dados coletados foram classificadas cinco categorias para a apresentação dos resultados: relação familiar, relação conjugal, relação do pai com os filhos, relação da mãe com os filhos e relação entre os irmãos.

Relação familiar

A queixa inicial manifestada pelo casal como motivação para participar da pesquisa foi o mal comportamento de Paulo. Ao longo da investigação, verificou-se que o comportamento de Paulo era resultado da maneira disfuncional de vinculação entre os membros. Bowlby (2006) explica que “um método comum de manter em segredo os distúrbios familiares consiste em atribuir os sintomas a alguma outra causa” (p.188). A cada tentativa de investigação sobre a família, o casal prontamente voltava a relatar situações de conflito envolvendo Paulo, nominando-o como o problema da família. “Às vezes, o paciente e seus familiares reagem, pronta e relutantemente, à noção de que o problema ou sintomas de que se queixam parecem fazer sentido em termos dos acontecimentos e dos distúrbios familiares que estão descrevendo” (Bowlby, 2006, p.190).

De acordo com a Teoria do Apego, a família pesquisada demonstrou um modelo operativo interno inseguro nas relações consigo próprios e com o mundo. Logo, os relacionamentos e interações sociais mostraram-se instáveis, e o registro introjetado foi a desconfiança e insegurança em relação ao mundo.

Por se tratar de intervenções psicoeducativas, a medida adotada com o José e Maria foi a apresentação dos conceitos principais que norteiam a Teoria do Apego, para que ambos pudessem compreender sobre a importância da formação dos vínculos para a constituição da personalidade. Em seguida, ambos foram estimulados a utilizarem a mesma mensagem com os filhos, ou seja, os pais foram orientados quanto à desautorização e mensagens ambíguas repassadas para as crianças. Sobre esta questão, Abreu (2005) afirma que,

existem razões para acreditar-se que não só as mães, mas também, os maridos oferecem um forte impacto na qualidade dos vínculos desenvolvidos entre a mãe e a criança. A satisfação do casal, por exemplo, assim como a reação de apoio do pai frente a maneira pela qual a mãe lida com seu filho, têm sido associadas com a qualidade do relacionamento desenvolvido com a criança. Temos no contato marido/esposa, uma poderosa díade de interferência no vínculo infantil, pois se o pai apóia os esforços cuidadores maternos, ou se ele se distancia emocionalmente dela nos momentos de necessidade, ou se até concorda, colaborando com sua injustiça no trato com o filho, tudo isso acaba por contribuir para a formação da personalidade da criança (p.96).

José e Maria, gradativamente durante as intervenções, foram introduzindo uma mesma mensagem na comunicação com as crianças. Verificou-se significativa redução nos níveis de ansiedade e protesto. Em decorrência desta mudança na forma de comunicação, também se observou que Paulo e Mateus choravam e gritavam com menor frequência, e como consequência, seus pais mostraram-se mais pacientes e afetuosos com os filhos.

Relação conjugal

A relação conjugal foi o maior desafio desta pesquisa, em virtude da resistência apresentada pelo casal. Como ambos acreditavam que Paulo era o único problema a ser resolvido na família, relutaram em tratar das questões conjugais. Sobre a crise conjugal como interferência na dinâmica familiar, Carneiro (2010) afirma que “casais muito envolvidos em seus embates conjugais podem não ter disponibilidade para as necessidades dos filhos, criando um ambiente familiar pouco saudável” (p.170). Para Eizirik (2013) o “bem-estar familiar depende muito da qualidade da relação dos adultos. Já está demonstrado que a satisfação com a relação conjugal está associada com o desenvolvimento não só de uma prole psicologicamente saudável, mas também da saúde física de todos” (p.100).

A falta de comunicação e o desrespeito em virtude das divergentes personalidades foram os fatores preponderantes responsáveis pelo afastamento do casal. Ao longo da investigação, ambos verbalizaram se sentirem como dois estranhos, provendo uma mesma casa e educando duas crianças, porém por meio de uma investigação individual apurou-se que o casal ainda desejava manter o matrimônio, mas que após o nascimento do primeiro filho, houve um distanciamento entre eles, em virtude da preocupação de ambos em proporcionar o máximo de cuidados ao filho. Castilho (2001) destaca a relevância da infelicidade conjugal como fator prejudicial para o desempenho de outros papéis sociais quando afirma que,

um casal infeliz muitas vezes vive inundado pelo seu relacionamento através das frustrações e carências que ele provoca. Mesmo que não gaste muito tempo com tentativas de se relacionar, e se refugie por evitação nos papéis de mãe ou no trabalho profissional, a infelicidade entre os dois invade o psiquismo como um buraco negro que engole material psíquico de outros papéis (p.64).

Sendo assim, foram pensadas intervenções para a aproximação conjugal. A primeira medida adotada foram explicações e orientações sobre a interferência do conflito conjugal no comportamento das crianças, para que ambos pudessem compreender e sentir que a forma hostil e, às vezes, grosseira de como se tratam, interfere diretamente na maneira como os filhos interagem entre si e com o mundo. Então, José e Maria foram instruídos ao diálogo para a resolução de conflitos.

Após, foram analisadas possibilidades junto com o casal de momentos onde ambos pudessem ficar a sós, sem a presença dos filhos. Pensou-se num jantar para proporcionar o reencontro do casal. Esta alternativa foi utilizada para que eles pudessem compreender a importância de espaços e momentos de intimidade para a aproximação afetiva. Durante o jantar, a

comunicação foi bastante limitada, mas o casal relatou que o fato de poderem conhecer um novo lugar, experimentar uma nova comida e saírem sem choro, gritos e birras dos filhos foi um momento que os revitalizou e aproximou.

No relato da história pregressa, José e Maria referiram lembranças e registros de negligência e indisponibilidade afetiva nas famílias de origem. Vitale (2004) esclarece a complexidade da construção do vínculo conjugal que reflete as histórias familiares anteriores de relacionamentos de cada membro da dupla e afirma que a escolha do cônjuge será compatível ao sistema internalizado, ou seja, haverá uma inclinação para a busca de alguém que proporcione a reprodução das relações primárias. Logo, foi proposto atendimento semanal com o casal, com o propósito de transformar o sistema internalizado inseguro de ambos em formas mais seguras de interação e comunicação, por meio da disponibilidade afetiva, proximidade e autonomia, previsibilidade, responsividade da pesquisadora que ofereceu base e porto seguro para José e Maria. Nesta abordagem, o casal novamente apresentou resistência e evitavam os encontros semanais, através de horas extras no trabalho, argumentando não terem onde deixarem seus filhos, etc. Mesmo assim, nos poucos encontros que foram realizados, foi perceptível algumas evidências de mudanças.

Os poucos atendimentos com a dupla não impediram que transformações maiores ocorressem. Desde o nascimento, os filhos sempre dormiram no quarto de José e Maria. Inclusive, as camas estavam postas bem ao lado da cama do casal, e o argumento era de que os filhos ainda eram muito pequenos para dormirem sozinhos. Após 6 meses de acompanhamento, o casal chega a um consenso e decidem retirar os filhos do quarto, orientados sobre a importância desta atitude para a saúde mental de toda a família. Eles começaram a planejar o novo quarto das crianças e elaborar estratégias para lidar com a resistência e protesto dos filhos.

A dupla, pouco a pouco, começou a inserir outros assuntos nos diálogos rotineiros. Inicialmente, o único assunto entre eles eram os filhos e após as intervenções, ambos começaram a introduzir outros conteúdos, como: aquisição de um imóvel, troca de emprego, desejo de retomar os estudos, ou seja, eles começaram a estabelecer uma relação de confiança, através do compartilhamento de desejos, ideias e sentimentos. Também se observou algumas iniciativas de Maria em relação a aparência pessoal, ela mostrou-se mais vaidosa. A esposa resolveu trocar a cor do cabelo e fazer um novo corte, também voltou a maquiar-se para ir ao trabalho. Diante das mudanças observadas no casal, também se analisa as transformações nas crianças, na relação com cada um dos pais.

Relação do pai com os filhos

Durante o estudo, foi verificado certo distanciamento na relação de José com seus filhos, através da limitada interação entre eles, onde ele compreendia que cuidar das crianças era apenas o ato de atender as necessidades básicas, como alimentação e cuidados com a higiene pessoal. Também se detectou que as dificuldades na relação conjugal estavam interferindo diretamente na ligação pai/filhos. A raiva e a frustração com Maria eram descontadas nas crianças.

De acordo com a história pregressa de José, se observou que ele reproduzia as mesmas formas de cuidado que recebeu na infância, ou seja, limitações na transmissão do afeto. Abreu (2005) alerta para a importância de se observar que “uma transmissão intergeracional das condutas de vinculação acaba sendo assegurada, pois os cuidadores muito provavelmente, criaram certas estratégias de ligação quando crianças que agora, na fase adulta, as utilizam no papel de pais” (p.133).

José foi encorajado a interagir com os filhos. Brincadeiras de faz de conta, de pintar, de montar, de desenhar, começaram a fazer parte da rotina familiar. Ele compreendeu na prática o valor da disponibilidade afetiva dos pais na constituição da personalidade dos filhos. Abreu (2005) explica que quanto mais atentos forem os pais ou as figuras de apego às necessidades da criança, maiores e melhores serão as percepções que desenvolverá a respeito de sua própria pessoa e do universo circundante de interações.

Aos poucos, a ausência afetiva paterna foi sendo substituída pela presença efetiva do pai, através de amor e de limites. Gadotti (1989) ressalta que estando presente ou mesmo ausente, o pai consolida suas relações com o filho no amor. A autoridade utilizada para justificar as suas atitudes mais severas, só tem sentido quando fundamentada no amor. A própria ausência, torna-se uma forma sensível de estar presente, quando existe o amor.

José se mostrou muito prestativo e interessado durante a pesquisa, aderindo a todas as orientações e sugestões apresentadas e inclusive, propondo-se a reduzir as horas extras no trabalho, para poder passar mais tempo com os filhos. Como consequência da mudança de seu comportamento, se observou redução na agitação das crianças, ou seja, os irmãos mostraram-se mais calmos e menos solicitantes à atenção do pai.

Durante a pesquisa, Maria frequentemente desautorizava José diante dos filhos. Para fortalecer a relação pai/filhos, ela foi orientada a reforçar a decisão dele diante das exigências e protestos das crianças, para evitarem mensagens contraditórias. Para Filho (2004),

o falar com firmeza, suavidade e perseverança é importante. Os pais devem se entender sobre a educação e manter uma visão pelo menos parecida, de maneira que a criança saiba exatamente quais os objetivos pretendidos na educação. O pior que pode acontecer para uma criança é quando o pai é muito rigoroso e a mãe é muito condescendente ou vice-versa. É um caminho para deixar uma criança ansiosa, angustiada, dividida e insegura (p.125).

José declarou que a proximidade com os filhos o deixou mais firme e confiante nas relações externas e que compreendeu que a forma mais adequada de educar os filhos tem como base fundamental o amor, em outras palavras, o cuidado, os limites, a firmeza, o afeto, a disponibilidade, o interesse, o olhar atento, o respeito. Gadotti (1989) conclui afirmando que “ser pai é simplesmente amar seus filhos. Nada mais. Nada mais” (p. 88).

Relação da mãe com os filhos

No início da pesquisa observou-se significativa diferença no trato da mãe com os filhos, sendo perceptível a proximidade, afetividade e afinidade com Mateus, e intolerância, impaciência e culpabilidade com Paulo. Bowlby (2006) reitera que na relação dos pais com os filhos, uma vez que estes não tratam os filhos da mesma forma, pode proporcionar ótimas condições para um determinado filho, e condições adversas para o outro. Em virtude da diferença de idade entre os irmãos, Maria superprotegia um e repreendia o outro. Logo, Paulo apresentava comportamentos agressivos e desrespeitosos na escola, voltados para professores e colegas. Já em casa, a criança não manifestava o desejo de proximidade com a família, em particular com a mãe, através de comportamentos hostis, ignorando e contrariando as solicitações de seus pais. “O reconhecimento de que uma das fontes mais comuns de raiva na criança é a frustração do seu desejo de amor e cuidados, e de que a sua ansiedade geralmente reflete a incerteza quanto à disponibilidade dos pais” (Bowlby, 2006, p.179).

Maria foi estimulada para a aproximação afetiva com o filho mais velho, através de atividades de interação, brincadeiras com toda a família e sugestões para a transmissão do afeto, por meio de carinhos, abraços, palavras amorosas. Ela foi orientada a estabelecer limites na relação com o filho caçula, que apresenta elevado nível de protesto sempre que advertido sobre alguma situação.

Intervenções com brincadeiras de pintar, montar, desenhar e jogar foram aproximando Maria e Paulo, reduzindo significativamente a agressividade dele dirigida à mãe. Espontaneamente, Maria começou a expressar atitudes afetuosas (abraços, beijos, frases amorosas) ao filho mais velho e ele passou a retribuir os gestos da mãe.

Com o estreitamento da relação mãe/filho, Paulo passou a utilizar esta forma de aproximação com outras pessoas, incluindo a pesquisadora, passando a abraçá-la e beijá-la a cada

chegada na residência da família e verbalizando frases afetuosas (ex: “eu te amo”). Para Abreu (2005),

com o passar do tempo, conforme os comportamentos de aproximação e distanciamento da criança com o cuidador vão sendo repetidos, uma determinada modalidade de vinculação vai emergindo e tornando-se predominante sob a ótica da criança, criando uma verdadeira estrutura (ou filtro) de significado pessoal. (p.85).

Já com o filho caçula, Maria foi instruída a impor limites, visto que Mateus era superprotegido por ela, que o considerava frágil. Ele mordida, chutava, tapeava, chorava excessivamente, e os pais mostravam-se impotentes diante das manifestações do filho.

Gadotti (1989) explica que “a disciplina, o respeito pela norma, só tem sentido se ela for nutrida por um imenso amor” (p.86). Cada vez que Mateus mordida, chutava ou respondia, a mãe era aconselhada a dialogar sobre a situação, explicar os motivos da repreensão e manter-se segura sobre sua decisão, suportando as encenações do filho, que se jogava no chão aos choros, com a tentativa de comover a mãe.

Filho (2004) defende a denominação *firmeza tranquila*, ou seja, os pais devem conversar com a criança de maneira clara e objetiva, através da delimitação de limites, para que ela não cresça de forma equivocada, se sentido como o centro do universo ou dono da verdade absoluta.

Diante da postura firme da mãe, Mateus enfrentava Maria e imediatamente buscava amparo com o pai, que também se manteve firme, corroborando a decisão da esposa. Sem alternativas, a criança foi aderindo sutilmente as decisões dos pais e começou a internalizar as noções de limites.

Relação entre os irmãos

Na relação entre os irmãos, ambos evitavam a proximidade entre si. Quando arriscavam algum contato, traços agressivos e evitativos foram identificados através das mordidas, chutes, socos e tapas. Brincadeiras e atividades interativas com todos os membros foram, inicialmente, utilizadas como estratégia de aproximação entre a família, com o propósito de proporcionar um espaço seguro para as crianças, onde ambos pudessem explorar o brincar, junto à presença dos pais, sendo incentivados ao diálogo e a negociação para uma saudável relação de troca. Cervený (2006) destaca e defende que “as intervenções positivas têm sido identificadas como aquelas em que os pais buscam alternativas com os filhos, incentivam a negociação e despertam neles sentimentos de responsabilidade pelas suas atitudes” (p.72).

Quando os irmãos se mostraram mais confiantes sobre suas figuras de apego, foram então estimulados a interagirem entre eles, através de brincadeiras e jogos que contemplassem a faixa etária de cada um.

As crianças mostraram-se individualistas quanto ao empréstimo de brinquedos, e sempre que possível retiravam o objeto da mão do outro. A delimitação de limites foi o objetivo principal na brincadeira entre os irmãos, para a introjeção de noções de individuação e pertencimento nas relações.

Durante as atividades, ambos foram incentivados a dividirem e emprestarem os brinquedos, e foi delimitado quais eram os objetos de pertencimento de Paulo e quais eram de Mateus. Os irmãos começaram a compreender que devem respeitar o que é do outro e a identificar o que é seu, e através da relação de troca, começaram a dividir os objetos.

Os irmãos também foram incentivados a brincarem e interagirem juntos, com o propósito de fortalecer o vínculo afetivo. Para Cerveny (2006), “o vínculo fraterno pode ser compreendido como resultado de um processo inter-relacional, que é construído e definido mediante as trocas estabelecidas entre os irmãos, as quais poderão satisfazer suas diferentes necessidades” (p.66).

A relação fraterna auxilia na constituição da personalidade e no desenvolvimento psicossocial. É através dela que a criança experimenta as primeiras sensações de ciúme, rivalidade, inveja, competição, cumplicidade, solidariedade, e esta ligação poderá servir como ensaio para um modelo de convivência externo. “O relacionamento fraterno vai contribuir significativamente tanto para a harmonia quanto para a desarmonia familiar, e esse conjunto de vivências funcionará como um laboratório para as relações sociais experimentadas fora da família” (Goldsmid & Carneiro, 2007, p. 296).

Após insistentes estimulações, os irmãos começam a interagir de maneira mais sadia. Os desentendimentos e ciúmes ainda permanecem, porém de forma moderada. Também se verificou iniciativas espontâneas de Paulo em relação a Mateus, em forma de abraços e contato físico afetuoso.

Cerveny (2006) postula que “um vínculo de apego é evidenciado entre irmãos quando um é para o outro alguém que supre necessidades de conforto e segurança, ou seja, constitui-se base segura para o outro” (p.66). Sendo assim, o propósito do trabalho com as crianças foi aproximá-los almejando uma relação mais saudável, para que ambos pudessem se tornar um ao outro, uma figura de apego.

Considerações finais

O modo atual de relacionamento entre as famílias, tem apontado para uma preocupante constatação, o enfraquecimento dos vínculos. As famílias estão apresentando laços afetivos cada vez mais frágeis, contribuindo para a constituição de seres humanos mais inseguros e instáveis.

John Bowlby legitimou a importância do investimento nos vínculos afetivos com as figuras de apego para se estabelecer relacionamentos mais seguros, tanto dentro do contexto familiar, como também nas relações externas. Este estudo, então, lançou-se como uma alternativa de intervenção para o trabalho com as famílias, tendo como objetivo o fortalecimento da ligação entre os membros, almejando alcançar formas de interação mais firmes e consistentes.

Os resultados obtidos demonstram que as intervenções no ambiente domiciliar na perspectiva da Teoria do Apego proporcionam favoráveis transformações na dinâmica familiar, assim colaborando para a consolidação de relações mais sólidas, estáveis e duradouras.

Sugere-se que novos estudos explorem com maior profundidade esta forma de intervenção. Mas, até o momento, é comprovado que o apego e o estabelecimento de vínculos com figuras de ligação são essenciais promoção de saúde mental. E o amor é o ingrediente principal que possibilita o fortalecimento dos laços afetivos.

Referências

- Abreu, C. N. (2005). *Teoria do Apego: Fundamentos, Pesquisas e Implicações Clínicas* (1ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trans.). (3. ed.). São Paulo: Edições 70/Livraria Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1977).
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (2002). *Apego e Perda: apego* (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1969).
- Bowlby, J. (2006). *Formação e rompimento dos laços afetivos* (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28(5), 759–775. doi: <https://doi.org/10.1037/0012-1649.28.5.759>
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (2008). Internal Working Models in Attachment Relationships: Elaborating a Central Construct in Attachment Theory. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.). *Handbook of attachment: theory, research, and clinical applications* (2ª ed., pp. 102-127). New York: The Guilford Press.
- Castilho, T. (2001). *Temas em terapia familiar*. São Paulo: Summus.
- Cervený, C. M. O. (2006). Família e ... narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Coates, S.W. (2011). John Bowlby and Margaret S. Mahler: Their lives and theories. In L. Aron & A. Harris (Eds.), *Relational Psychoanalysis: Expansion of Theory* (pp.131-158). London: Routledge.
- Dalbem, J. X.; & Dell’Aglío, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57 (1), 12-24.
- Eizirik, C. L., & Bassols, A. M. S. (2013). *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica* (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Féres-Carneiro, T. (2005). *Entrevista familiar estruturada (EFE): um método clínico de avaliação das relações familiares*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Féres-Carneiro, T. (2010). *Casal e família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Filho, J. M. (2004). *Lidando com crianças, conversando com os pais* (2ª ed.). São Paulo: Papirus.
- Fonagy, P., & Campbell, C. (2016). Attachment theory and mentalization. In A. Elliott & J. Prager (Eds.), *The Routledge handbook of psychoanalysis in the social sciences and humanities* (pp. 115–131). England: Routledge.
- Franco, M. H. P. (2010). *Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade*. São Paulo: Summus.
- Goldsmid, R., & Carneiro, T. F. (2007). A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. *Psicologia em Revista*, 13 (2), 293-308.
- Holmes, J. (2015). Attachment theory in clinical practice: A personal account. *British Journal of Psychotherapy*, 31(2), 208–228. doi: <https://doi.org/10.1111/bjp.12151>
- Mertens, R. S. K. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa: linguagem e método*. Rio de Janeiro: FGV.
- Parkes, C. M. (2009). *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*. São Paulo: Summus.
- Ramires, V. R. R., & Schneider, M. S. (2010). Revisitando alguns Conceitos da Teoria do Apego: Comportamento versus Representação?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26 (1), 25-33. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100004>
- Rampazzo, L. (2005). *Metodologia científica: Para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação* (3ª ed.). São Paulo: Loyola.
- Shaughnessy, J. J., Zechmeister, E. B., & Zechmeister, J. S. (2012). *Metodologia de pesquisa em psicologia* (9ª ed.). São Paulo: Artmed.
- Weiss, R. S. (2004). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. M. Parkes, J. S. Hinde & M. Petter (Eds.). *Attachment Across the Life Cycle* (pp.66-76). London and New York: Routledge.
- Vitale, M. A. F. (Org.). (2004). *Laços amorosos: terapia de casal e psicodrama*. São Paulo: Ágora.